

## AGROPECUÁRIA SEGUE EM ALTA, AMENIZANDO A RETRAÇÃO DO AGRONEGÓCIO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), registrou queda de 1,44% de janeiro a julho de 2017. Os segmentos da agroindústria, de insumos

e agrosserviços recuaram 3,46%, 1,69% e 2,47%, respectivamente. Por outro lado, o segmento primário segue com alta de 2,63% no acumulado do período (Tabela 1). Especificamente na avaliação mensal, que compara o valor até julho com o verificado no mês anterior, os resultados foram negativos para todos os

segmentos (Tabela 1).

Na configuração deste contexto, segue preponderante a queda de preços reais, em média, dos produtos acompanhados nos segmentos primário e agroindustrial, conforme dados que serão detalhados ao longo deste relatório.

**Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação mensal e acumulada no período (%)**

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
jul/17	-0,17%	-0,80%	-0,16%	-0,45%	-0,46%
Acumulado (jan-jul/2017)	-1,69%	2,63%	-3,46%	-2,47%	-1,44%

Fonte: Cepea/USP e CNA.

Os resultados desagregados por ramo (agrícola e pecuário), mensais e acumulado do período, são apresentados nas Tabelas 2 e 3. No ramo agrícola, assim como se observou na análise agregada do agronegócio, apenas o segmento primário registrou elevação entre janeiro e julho (5,02%). Tal crescimento não foi suficiente para se sobrepor às reduções

verificadas nos segmentos de insumos, agroindústria e agrosserviços, resultando em baixa de 1,05% do PIB do ramo no período (Tabela 2).

O resultado positivo observado no segmento primário da agricultura decorre da maior produção prevista para o ano (+14,29%, na média ponderada dos

produtos acompanhados), enquanto os preços reais seguiram em forte retração (-11,61%), na comparação dos primeiros sete meses do ano frente ao mesmo período de 2016. Na avaliação mensal, todos os seguimentos do ramo apresentaram baixas.

**Tabela 2. Ramo Agrícola: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)**

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
jul/17	0,09%	-0,53%	-0,09%	-0,40%	-0,34%
Acumulado (jan-jul/2017)	-2,93%	5,02%	-3,59%	-2,43%	-1,05%

Fonte: Cepea/USP e CNA.

No ramo pecuário, de janeiro a julho, apenas o segmento de insumos registrou crescimento (0,57%). Os demais (primário, indústria e serviços) encolheram no

acumulado do ano. Já em julho, todos os segmentos apresentaram retração, conforme destacado na Tabela 3. Como no ramo agrícola, os preços exerceram pressão so-

bre os resultados também no ramo pecuário mas, nesse caso, sem o contraponto do acréscimo no volume de produção.

**Tabela 3. Ramo Pecuário: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)**

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
jul/17	-0,58%	-1,33%	-0,39%	-0,56%	-0,75%
Acumulado (jan-jul/2017)	0,57%	-2,08%	-3,01%	-2,57%	-2,36%

Fonte: Cepea/USP e CNA.

## SEGMENTO DE INSUMOS: Atividades de Máquinas agrícolas e Rações seguem em alta

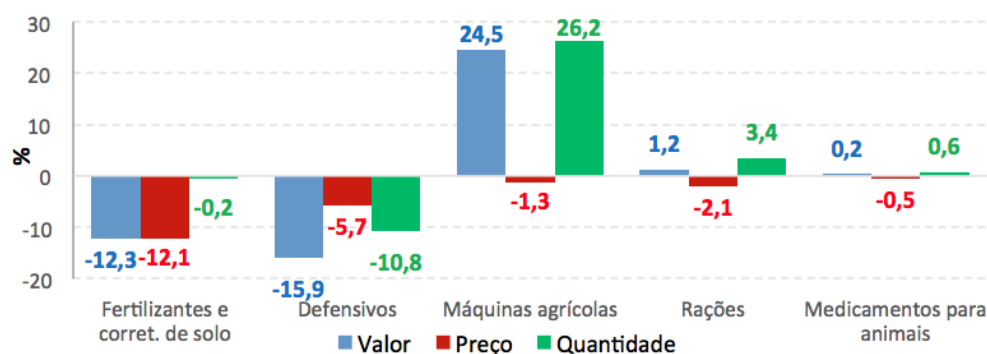
O segmento de insumos do agronegócio recuou 1,69% nos primeiros sete meses de 2017, e, entre junho e julho, a baixa foi de 0,17%. A projeção de desempenho para todo o ano, comparativamente a 2016, segue negativa em 2,88%<sup>1</sup>. De modo geral, as atividades relacionadas ao ramo agrícola (exceto máquinas) pressionaram o segmento, enquanto o

segmento de insumos pecuários registrou crescimento, puxado pela maior quantidade produzida de rações para animais.

Dentre as indústrias do segmento de insumos acompanhadas, projeta-se crescimento no faturamento para máquinas agrícolas (24,52%), rações (1,22%) e leve

alta em medicamentos para animais (0,16%). Por outro lado, foram estimadas contrações para as atividades de fertilizantes (-12,26%) e defensivos (-15,87%). A Figura 1 a seguir apresenta a variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea.

Figura 1. Insumos: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2017/2016 com preços até julho/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, Anda e Sindirações).

Conforme dados apresentados na Figura 1, o forte crescimento de produção da indústria de máquinas agrícolas segue em destaque, com 26,20% de alta projetada para 2017. Conforme já destacado em relatórios anteriores, a indústria de máquinas neste ano vem se beneficiando da safra recorde no campo e da recuperação da confiança dos produtores, o que têm incentivado investimentos e, dessa forma, impulsionado a produção no período avaliado.

Já na indústria de fertilizantes, os resultados têm sido pressionados por cotações mais baixas (12,11%), na comparação de janeiro a julho de 2017 com o mesmo período de 2016. De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, a pressão nos preços reais dos principais fertilizantes neste período adveio, principalmente, da baixa

na cotação do dólar, com relação ao mesmo período em 2016, e da alta oferta de fosfatados e potássicos no mercado internacional.

Para os defensivos, preços e produção em baixa pressionaram os resultados. Para a redução das cotações influenciaram, além da redução cambial, os altos estoques de passagem (que vem se acumulando desde 2015).

## SEGMENTO PRIMÁRIO: Volume de produção sustenta crescimento

O segmento primário do agronegócio apresentou resultado negativo entre junho e julho (-0,80%), mas seguiu acumulando alta de 2,63% nos primeiros sete meses de 2017. Tal avanço segue atrelado ao desempenho do segmento primário do ramo agrícola, para o qual o resultado acumulado foi positivo em 5,02%. No ramo pecuário, por sua vez, foi registrada retração de 2,08% no segmento para o período (Tabelas 2 e 3). No ano, a expectativa é de crescimento de 4,54% para o segmento primário do agronegócio, com

alta de 8,76% para a agricultura e baixa de 3,55% para a pecuária<sup>2</sup>. Estes resultados estão associados ao comportamento de preços no período, previsão de volumes de produção e faturamentos das culturas agrícolas e atividades pecuárias em 2017, conforme Figuras 2 e 3 e Tabela 4 (que serão apresentadas a seguir).

Como já ressaltado em relatórios anteriores, o PIB do segmento primário agrícola tem sido impulsionado pelo forte crescimento da produção, estimado em 14,29%

para 2017. Por outro lado, os preços agrícolas seguem em retração, movimento que tem se acentuado ao longo do ano. Na comparação entre janeiro a julho de 2017 e o mesmo período do ano anterior, a baixa real nos preços médios do segmento foi de 11,61%. De forma similar, para o segmento primário da pecuária, os menores preços (-5,17%, em média) têm pressionado os resultados, enquanto que, para a produção, espera-se ligeiro crescimento de 0,62% no ano.

<sup>1</sup> Os resultados estimados mensais e do acumulado estão na Tabela 1. Já a projeção para 2017 está na Figura 5 do Anexo I.

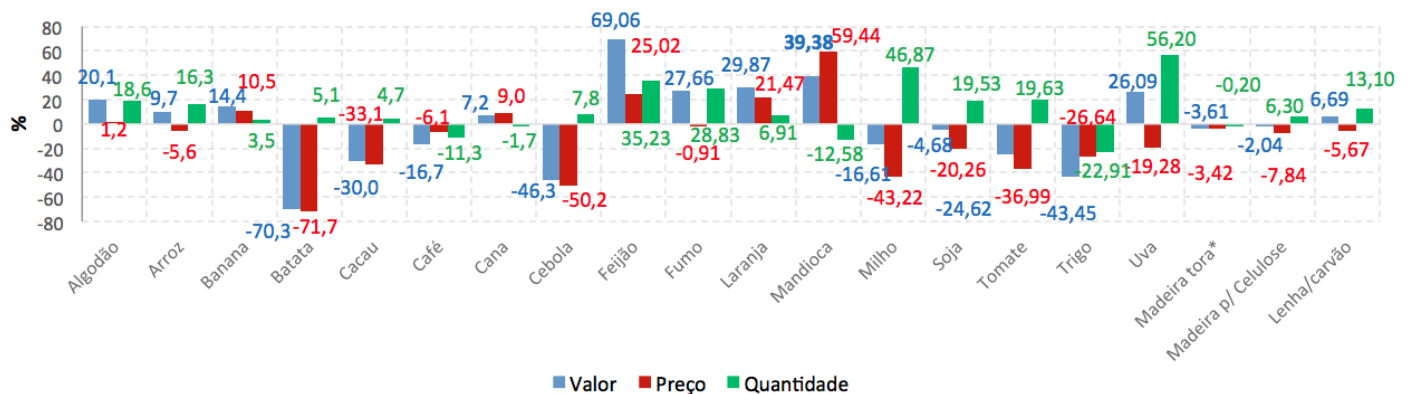
<sup>2</sup> Para as projeções anuais do segmento primário, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

Dentre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2017 para: algodão, arroz, banana, cana-

-de-açúcar, feijão, fumo em folha, laranja, mandioca, uva e lenha e carvão. Já as culturas para as quais se espera queda no faturamento são: batata, cacau, café, ce-

bola, milho, soja, tomate, trigo e madeira em tora (para celulose ou outras finalidades) – Figura 2 e Tabela 4.

**Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2017/2016 com preços de jan a jul/2017**



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop)

**Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2017/2016 com preços de jan a jul/2017**

Itens	Algodão em pluma	Arroz em casca	Banana	Batata	Cacau	Café beneficiado	Cana-de-açúcar	Cebola	Feijão	Fumo em folha
Valor	20,1	9,7	14,4	-70,3	-30,0	-16,7	7,2	-46,3	69,1	27,7
Preço	1,2	-5,6	10,5	-71,7	-33,1	-6,1	9,0	-50,2	25,0	-0,9
Quantidade	18,6	16,3	3,5	5,1	4,7	-11,3	-1,7	7,8	35,2	28,8
Itens	Laranja	Mandioca (raíz)	Milho	Soja	Tomate	Trigo em grão	Uva	Madeira tóra (exc. Cel.)	Madeira tóra- Celulose	Lenha e carvão
Valor	29,9	39,4	-16,6	-4,7	-24,6	-43,4	26,1	-3,6	-2,0	6,7
Preço	21,5	59,4	-43,2	-20,3	-37,0	-26,6	-19,3	-3,4	-7,8	-5,7
Quantidade	6,9	-12,6	46,9	19,5	19,6	-22,9	56,2	-0,2	6,3	13,1

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop).

Dentre as culturas com crescimento do faturamento, destaca-se a cana-de-açúcar, cuja a variação positiva no faturamento é reflexo do crescimento real dos preços avaliados até julho (9,01%), enquanto que a projeção da produção é de queda anual de 1,65%. Segundo informações da Conab, a conversão da área de produção canieira para outras atividades, e até algumas limitações relacionadas à mecanização, foram as principais causas da queda de produção nas regiões Sudeste e Sul – principais regiões produtoras no país -, que apresentaram queda na área de produção com relação à safra passada.

Para o algodão, o resultado positivo no faturamento foi puxado pela previsão

de aumento na quantidade produzida (18,64%) para o ano, bem como pelo aumento nas cotações reais em 1,22% na comparação entre períodos. Segundo a Conab, foram as boas condições climáticas que propiciaram este bom volume de safra. Já com relação a preços, apesar da alta acumulada no período, especificamente em julho o valor da pluma apresentou recuo no mercado, devido, principalmente, à retração compradora, que fez diminuir a liquidez em período conjunto ao avanço da colheita da safra 2016/07, que elevou a oferta, de acordo análises da equipe Algodão/Cepea.

Na cultura da laranja, destaca-se a alta nos preços reais (21,47%) na comparação entre janeiro a julho de 2017,

frente ao mesmo período de 2016, em conjunto do crescimento observado na estimativa da produção anual (6,91%). Segundo a equipe Hortifrutí/Cepea, o processamento de laranjas precoces da safra 2017/18 foi intensificado em julho nas indústrias, o que reduziu a disponibilidade no mercado e manteve o patamar de preços.

No caso do feijão, a elevação no faturamento anual é reflexo da projeção de acréscimo na produção de 35,23% para o ano de 2017, conjuntamente do aumento nos preços reais em 25,02% na comparação entre os períodos. De acordo com o levantamento de safra da Conab, a cultura do feijão teve incremento da área semeada em todas as safras (pri-

meira, segunda e terceira safras) e em todos os tipos (comum-cores, comum-preto e caupi), com exceção apenas da área de feijão comum preto primeira safra. Ainda segundo a Companhia, o feijão segunda safra teve uma boa safra em termos de produtividade em todas as regiões, com exceção da Região Sul, onde o excesso de chuva no momento da colheita reduziu a produtividade média da cultura.

Para a cultura da mandioca, a alta nos preços reais (59,44%) refletiu em variação positiva do faturamento anual para a atividade, apesar de a produção ter perspectiva de recuo de 12,58% a.a. Segundo a equipe Mandioca/Cepea, contrariamente ao ocorrido na safra passada, neste ano a produção da cultura, que já é concentrada em poucos produtores, ocorreu em safra mais curta, o que manteve os preços da mandioca em patamares elevados.

Já entre as culturas para as quais se espera redução do faturamento anual, destaca-se o café, atividade para a qual se estima queda de 11,30% na produção no ano, concomitantemente à redução de 6,14% nas cotações reais, na comparação entre janeiro a julho de 2017 frente ao mesmo período de 2016. Segundo informações da Conab, o ciclo de biennialidade negativa ainda é a causa principal da queda no desempenho da cultura, destacando-se as quedas de produção em Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo e Goiás. Em relação às cotações, a equipe Café/Cepea constatou em julho uma reação dos preços de café arábica no mercado, apesar da baixa verificada para o período, impulsionados pela retração dos produtores, que estiveram focados na colheita, e pelas altas verificadas nas

cotações externas da variedade.

Quanto ao milho, a forte queda nos preços reais (43,22%) de janeiro a julho de 2017, na comparação com o mesmo período de 2016, pressionou o faturamento esperado para a cultura, ainda que a quantidade produzida tenha se elevado em 46,87% no ano. Segundo a equipe Grãos/Cepea, este movimento de queda de preços foi sustentado pela grande quantidade de produto no mercado, acrescido de uma demanda interna baixa. Já com relação à produção, o clima mais seco em julho permitiu um bom avanço da colheita da segunda safra de milho, principalmente na região Centro-Sul do País, o que manteve pressão sobre os valores do cereal.

Para o trigo, a queda no faturamento está atrelada tanto à redução na expectativa da produção, estimada em 22,91% no ano, quanto à queda nas cotações reais, de 26,64%. De acordo com a Conab, a produção apresenta decréscimo para o ano devido aos baixos preços do cereal na época de plantio, o que levou à redução da área de plantio, além da preocupação dos produtores com relação ao clima, o que levou à expectativa de redução da produtividade. Para preços, segundo a equipe Grãos/Cepea, o mercado interno vem apresentando baixa liquidez, e os preços de comercialização, muitas vezes, não tem coberto os custos de produção.

No caso da soja, a queda do faturamento esperado ocorre via menores preços reais (-20,26%) no acumulado dos sete primeiros meses do ano (frente ao mesmo período de 2016), ainda que a produção apresente expectativa de alta (19,53%) na previsão para o ano. De acordo com

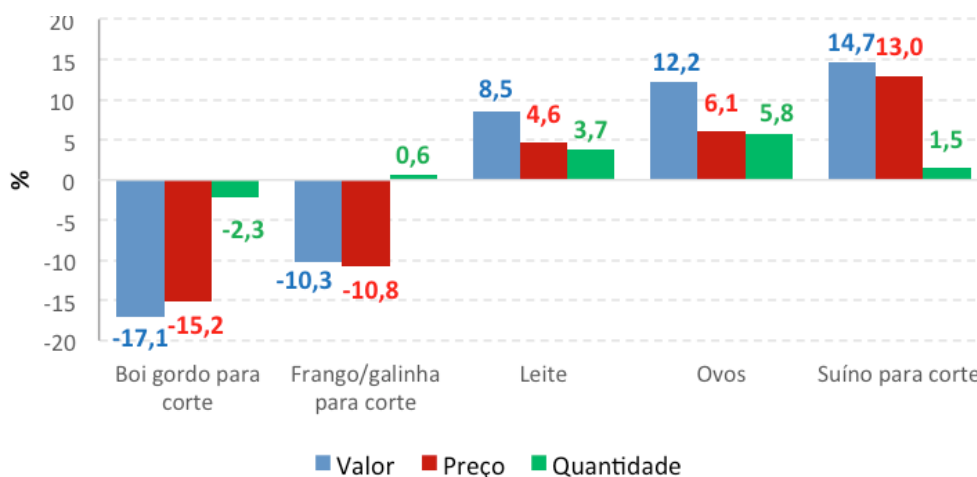
a Conab, a alta produção desta safra está atrelada ao excelente desenvolvimento da oleaginosa, com comportamento favorável do clima em praticamente todas as regiões do país. Já em relação a preços, segundo a equipe Soja/Cepea, em julho os produtores apresentaram retração na venda, no aguardo de melhores preços, concomitantemente a um ritmo acelerado dos embarques, o que resultou em recuperação dos preços no mês, apesar da baixa acumulada no período.

Para a cebola, o resultado negativo no faturamento foi puxado pela significativa queda nos preços reais (50,16%), apesar da previsão de aumento na quantidade produzida (7,84%) para o ano. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a oferta de cebola nos estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo aumentou no mês de julho, devido ao maior ritmo de colheita. A maior oferta de produto no mercado pressionou ainda mais as cotações do produto.

No caso da batata, o recuo do faturamento está vinculado à forte queda nos preços reais, de 71,73% na comparação entre os sete primeiros meses do ano e o mesmo período de 2016, enquanto a projeção da produção para o ano segue em alta, de 5,15%. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, as cotações da batata registraram acentuada desvalorização, causada principalmente pela elevada oferta do produto no mercado, levando a preços inferiores aos custos de produção para alguns produtores.

Para o segmento primário da pecuária, dentre as atividades acompanhadas, verifica-se alta no faturamento para leite, suínos e ovos, mas baixa para bovinos e frango (para corte), conforme Figura 3.

**Figura 3. Pecuária: Variação anual estimada do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a julho/2017 em comparação com janeiro a julho/2016)**



Fonte: Cepea/USP e CNA.

## SEGMENTO INDUSTRIAL: PIB agroindustrial segue em queda

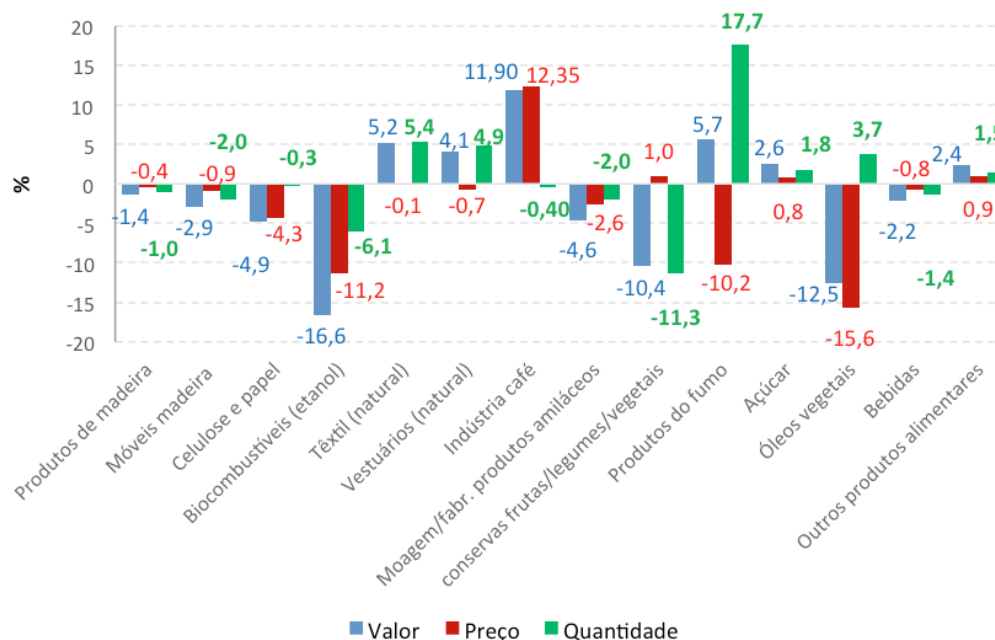
O segmento industrial voltou a apresentar retração em julho (-0,16%). Dessa forma, no acumulado do ano o resultado segue negativo (-3,46%, conforme Tabela 1). Tanto a indústria de base agrícola quanto pecuária apresentaram quedas no mês, de 0,09% e 0,39%, respectivamente. No acumulado de janeiro a julho, os resultados também foram de baixa para ambos os ramos (Tabelas 2 e 3). A projeção anual permanece, portanto, negativa para a agroindústria total (-5,87%), bem como para ambos os

segmentos que a compõe: base agrícola (-6,08%) e pecuária (-5,10%).

O faturamento da indústria agrícola recuou 3,72%, o que reflete principalmente a baixa real de 3,99% nos preços médios do segmento. Para a produção, se estimou leve alta, de 0,28% (para a média das indústrias acompanhadas). No caso da indústria de base animal, o recuo de 5,41% no faturamento decorre de preços 4,18% menores e do recuo de 1,28% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola que tiveram destaque, com crescimento do faturamento, foram: têxteis e vestuário (de base natural), café, fumo, açúcar e outros produtos alimentares. A projeção para as demais indústrias acompanhadas é de recuo no faturamento. O comportamento das indústrias agrícolas analisadas com dados até julho/2017 é apresentado na Figura 4.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea)

Na indústria açucareira, a alta refletiu o aumento de 0,8% dos preços e a expectativa de elevação da produção em 1,8%. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, o clima seco no estado de São Paulo favoreceu a colheita da cana e, conseqüentemente, à produção de açúcar nas usinas, que seguiu em ritmo acelerado. De acordo com a Conab, as unidades de produção sucroenergéticas, particularmente as situadas em São Paulo, voltam a elevar seus investimentos em projetos ligados à melhoria da produtividade e maximização na produção de açúcar, buscando aproveitar o bom momento dos preços no mercado internacional.

No mercado de biocombustíveis (etanol), a produção estimada para o ano se-

gue com redução de 6,1%, e, do mesmo modo, as cotações apresentaram queda na comparação entre períodos, de 11,2%. Segundo a equipe Etanol/Cepea, até julho, a firme demanda por etanol nas distribuidoras e o aumento dos volumes negociados no mercado não foram suficientes para conter a queda nos preços.

Para as atividades de têxtil e vestuário de base natural, as elevações estimadas para as quantidades produzidas foram motivadoras do aumento no faturamento, já que houve queda leve nos preços na comparação entre períodos. De acordo com a equipe Algodão/Cepea, em julho as indústrias do setor apresentaram baixo ritmo de vendas de produtos derivado do algodão, impactando nos preços da ativi-

dade.

Para a indústria do café, a expectativa anual de produção é de recuo, em 0,40%. Já com relação aos preços, verifica-se aumento de 12,4% (já descontada a inflação). De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), a indústria de café no Brasil está apreensiva em relação ao cenário de pouca oferta de grão no mercado e busca pela importação de outros países para equilíbrio da oferta. Segundo a equipe Café/Cepea, o clima frio de julho atrasou o beneficiamento dos grãos, principalmente o processo de secagem.

Com relação às indústrias pecuárias, os dados são apresentados na Tabela 5. É



possível observar que todas as indústrias apresentaram variação negativa na expectativa de faturamento anual.

Na indústria do abate, a queda é resultado tanto de baixa nos preços (4,5% na comparação entre janeiro a julho de 2017 e 2016) quanto na produção (1,2%, estima-

tiva anual). No caso da indústria de laticínios, o faturamento em baixa é reflexo de uma produção anual estimada em queda de 1,7%, juntamente a uma queda nas cotações reais em 3,5% na comparação entre períodos. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o menor poder de compra dos brasileiros tem afetado diretamente

e negativamente a demanda por lácteos na ponta final da cadeia, com o mercado no atacado e varejo apresentando dificuldades em manter seus fluxos de vendas e, conseqüentemente, boas margens de comercialização.

**Tabela 5. Variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas**

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-3,6	-5,7	-5,2
Preço	-3,5	-4,5	-3,5
Quantidade	-0,3	-1,2	-1,7

Fonte: Cepea/USP e CNA.

## SEGMENTO DE SERVIÇOS: Agrosserviços recuam, refletindo a baixa do segmento industrial

Como observado na Tabela 1, os agrosserviços também recuaram em julho (-0,45%), mantendo o movimento de retração acumulada de janeiro a julho de 2017 (-2,47%). O resultado de baixa rela-

ciona-se tanto ao ramo pecuário, no qual o PIB dos agrosserviços recuou 2,57% no período, quanto ao agrícola, em que teve queda de 2,43%. Para o ano, projeta-se retração de 4,20% para os agrosserviços,

sendo -4,12% no ramo agrícola e -4,36% no pecuário<sup>3</sup>. Estes resultados acompanham as quedas verificadas principalmente nos segmentos agroindustriais, tanto agrícola quanto pecuário.

## CONCLUSÕES

Estima-se que o PIB do Agronegócio Brasileiro tenha recuado 1,44% nos primeiros 7 meses do ano. Esse resultado indica que o setor tem sentido a queda de preços de produtos com grande participação tanto no segmento primário como no industrial. Apesar de também sentir os efeitos da queda de preços, a safra recorde de grãos garantiu expansão de 2,63% ao segmento primário (agropecuária), único segmento do PIB a apresentar expansão no acumulado do ano. Ainda no segmento primário, a expansão estimada no volume de produção é de 14,29% no ramo agrícola e 0,62% no ramo pecuário. Já em termos de preços, a estimativa é de queda: -11,61% e

-5,17% respectivamente.

Para o ano de 2017, a expectativa é de haja retração de -2,46% no PIB do agronegócio brasileiro diante de queda esperada de -1,79% no PIB do ramo agrícola e de -4% no PIB do ramo pecuário. Pela ótica dos segmentos, o primário deve crescer 4,54%, amenizando o efeito das retrações dos segmentos de insumos (-2,88%) e agroindustrial (-5,87%), que se refletem também sobre o segmento de agrosserviços (-4,20%).

Já com relação ao PIB-volume do agronegócio, calculado pelo critério de pre-

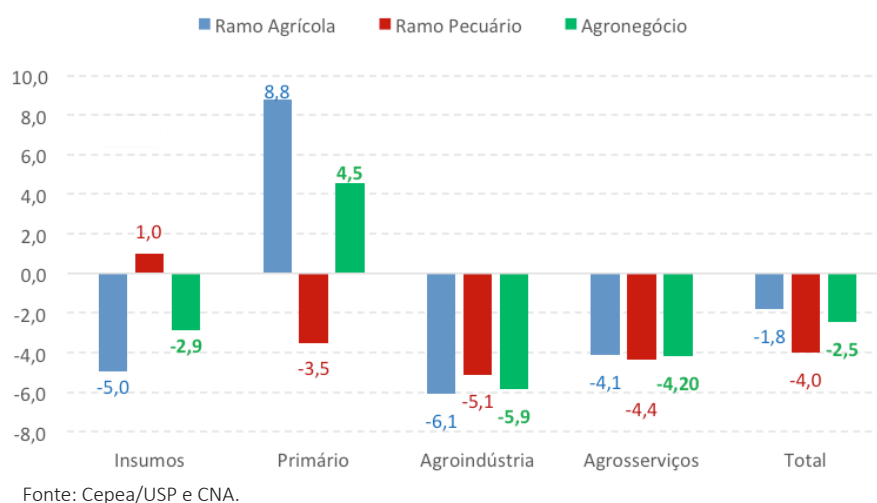
ços constantes - ou seja, considerando-se apenas a variação do volume de produção - projeta-se crescimento de 5,81% para o agronegócio sendo 2,51% para insumos, 17,07% para primário, 3,59% para serviços, e leve queda de 0,09% na indústria (Tabela A4 – Anexo I). A análise desse resultado, quando avaliada de forma conjunta com o PIB do Agronegócio pela ótica da renda<sup>4</sup> (conforme avaliado ao longo deste relatório), explicita o papel negativo da redução real dos preços do agronegócio, frente aos demais preços da economia, sobre a renda gerada pelo setor.

<sup>3</sup> Para a projeção anual do segmento de agrosserviços, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

<sup>4</sup> ver nota metodológica no Anexo I, A5.

## ANEXO I – PROJEÇÕES ANUAIS, TABELAS DE DADOS E METODOLOGIA

A1) FIGURA 5. TAXAS (%) DE CRESCIMENTO DO PIB DO AGRONEGÓCIO 2017/16  
(DADOS DE JANEIRO A JULHO)



A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL, ACUMULADO DO PERÍODO E ANUAL (EM %)

### AGRONEGÓCIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,34	1,36	-0,47	-0,09	0,21
fev/17	-0,31	1,35	-1,19	-0,74	-0,28
mar/17	0,40	1,00	-0,70	-0,38	-0,07
abr/17	-0,43	0,20	-0,41	-0,18	-0,18
mai/17	-0,59	0,39	0,14	0,25	0,20
jun/17	-0,93	-0,88	-0,73	-0,89	-0,86
jul/17	-0,17	-0,80	-0,16	-0,45	-0,46
Acumulado (jan-jul)	-1,69	2,63	-3,46	-2,47	-1,44
Variação Anual	-2,88	4,54	-5,87	-4,20	-2,46

### RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,28	1,90	-0,50	0,00	0,34
fev/17	-0,35	2,03	-1,22	-0,59	-0,08
mar/17	-0,32	1,62	-0,78	-0,35	0,02
abr/17	-0,71	0,55	-0,43	-0,22	-0,14
mai/17	-0,81	0,32	0,01	-0,01	0,01
jun/17	-1,14	-0,94	-0,63	-0,89	-0,86
jul/17	0,09	-0,53	-0,09	-0,40	-0,34
Acumulado (jan-jul)	-2,93	5,02	-3,59	-2,43	-1,05
Variação Anual	-4,98	8,76	-6,08	-4,12	-1,79

**RAMO PECUÁRIO**

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,46	0,22	-0,37	-0,30	-0,12
fev/17	-0,25	-0,12	-1,10	-1,06	-0,75
mar/17	1,66	-0,31	-0,41	-0,45	-0,29
abr/17	0,05	-0,49	-0,32	-0,10	-0,26
mai/17	-0,19	0,63	0,62	0,78	0,64
jun/17	-0,56	-0,69	-1,06	-0,89	-0,85
jul/17	-0,58	-1,33	-0,39	-0,56	-0,75
Acumulado (jan-jul)	0,57	-2,08	-3,01	-2,57	-2,36
Varição Anual	0,97	-3,55	-5,10	-4,36	-4,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.

**A3) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)****AGRONEGÓCIO**

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
fev/17	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
mar/17	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
abr/17	0,05	0,30	0,28	0,37	1,00
mai/17	0,05	0,28	0,27	0,41	1,00
jun/17	0,05	0,27	0,28	0,41	1,00
jul/17	0,05	0,27	0,28	0,41	1,00

**RAMO AGRÍCOLA**

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,31	0,30	0,34	1,00
fev/17	0,05	0,31	0,30	0,34	1,00
mar/17	0,05	0,31	0,30	0,34	1,00
abr/17	0,05	0,30	0,31	0,34	1,00
mai/17	0,04	0,27	0,30	0,39	1,00
jun/17	0,04	0,26	0,31	0,39	1,00
jul/17	0,04	0,26	0,31	0,39	1,00

**RAMO PECUÁRIO**

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,31	0,22	0,42	1,00
fev/17	0,05	0,31	0,22	0,41	1,00
mar/17	0,06	0,31	0,22	0,42	1,00
abr/17	0,06	0,30	0,22	0,42	1,00
mai/17	0,06	0,28	0,21	0,45	1,00
jun/17	0,06	0,29	0,21	0,45	1,00
jul/17	0,06	0,28	0,21	0,45	1,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.



## A4) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)\*

## PIB Volume do Agronegócio

	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	2,51	17,07	-0,09	3,59	5,81
Ramo Agrícola	2,38	26,24	0,27	5,86	8,66
Ramo Pecuário	2,76	-0,55	-1,36	-1,01	-0,75

Fonte: Cepea/USP e CNA.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

## A5) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O

agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse con-

junto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e

governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (equivalente ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.


- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento.

Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao

que se refere a meses e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.** Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resultados

dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx> 

**Boletim PIB** é elaborado pela Coordenação do Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP).



Compromisso com o Brasil

**CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E  
PECUÁRIA DO BRASIL**

SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF  
(61) 2109-1419 | [cna.comunicacao@cna.org.br](mailto:cna.comunicacao@cna.org.br)

**Responsáveis técnicos:**

Bruno Barcelos Lucchi/ Renato Conchon/ Paulo André Camuri



**Reprodução permitida desde que citada a fonte**